

LITERATURA E DIREITO: MARCAS DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO CONTO “A MOÇA TECELÃ” DE MARINA COLASANTI

Maisa Rubinho Vaz ¹
Isabela Andrade Araujo ²
Yasmin dos Santos Pinceratto ³
Jessica Aparecida Cassia dos Santos ⁴
Carlos Rafael Dias ⁵

INTRODUÇÃO

A cada ano pesquisas comprovam que a situação da violência contra a mulher no mundo se torna mais alarmante, se destacando, principalmente, em alguns países subdesenvolvidos, como o Brasil. Nosso país é tristemente intitulado como o quinto país que mais mata mulheres simplesmente por serem mulheres (WAISELFISZ, 2015). Neste cenário, dados apontam elevados índices em outras formas de violência, como lesões corporais, estupros e ameaças.

Dentre os diversos tipos de violência contra a mulher, 10 são registradas pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), site disponibilizado pelo Governo Federal que visa contribuir com o sistema judiciário brasileiro. A primeira delas é a violência de gênero, esta é sofrida apenas pela vítima ser mulher, independentemente da classe social ou de características físicas. Também consta a violência doméstica, aquela que ocorre no ambiente doméstico ou entre indivíduos que possuem relações afetivas, como membros de uma família. Por terceiro a violência familiar, não precisa necessariamente estar em um ambiente doméstico, porém ocorre entre os integrantes da família, sejam eles de vínculo natural, civil, ou por afinidade. De igual modo, no site do CNJ é registrada a violência física, ação ou omissão que coloque a vítima em risco, ou cause ameaças a sua integridade. Existe também a violência institucional, que está ligada com as desigualdades sociais presentes na nossa sociedade, como discriminações por cor ou classe social. A sexta violência é a intrafamiliar, ela ocorre somente em ambientes domésticos e apenas por um indivíduo que possua um grau de parentesco. Também apresenta a violência moral, caracterizada pela disseminação de calúnias, ou qualquer atitude que fira a moral da mulher. Encontra-se, também, entre os registros das formas de violência, a patrimonial, caracterizada pelo ato que implica dano ou perda de objetos, documentos pessoais ou bens. A violência psicológica também se faz presente, o agressor tenta controlar as ações, comportamentos e opiniões da mulher, efetuada por meio de ameaças, intimidações, humilhações e isolamento. E, por fim, a violência sexual, que obriga a mulher a manter relações sexuais por meio da coerção, manipulação, suborno, ou qualquer outro mecanismo persuasivo.

Nesse sentido, as diversas formas de violência contra a mulher tem como substrato a naturalização da opressão, em que as agressões são tidas como normais, tanto pela vítima, quanto pela sociedade, este fenômeno é conceituado por Bourdieu (2002) como violência

¹ Discente do Curso Técnico em Administração Integrado do IFMT – Campus Pontes e Lacerda Fronteira Oeste – MT, maisarubinhovaz1@outlook.com

² Discente do Curso Técnico em Administração Integrado do IFMT – Campus Pontes e Lacerda Fronteira Oeste – MT, isabela_andradearaujo@hotmail.com

³ Discente do Curso Técnico em Administração Integrado do IFMT – Campus Pontes e Lacerda Fronteira Oeste – MT, yasminpinceratto@gmail.com

⁴ Engenheira Florestal, IFMT – Campus Pontes e Lacerda Fronteira Oeste – MT, jessica.santos@plc.ifmt.edu.br

⁵ Professor do IFMT - Mestre em Ensino pelo IFMT – Campus Pontes e Lacerda Fronteira Oeste – MT, carlosrafaeldias@gmail.com

simbólica. Em decorrência dessa aparência de naturalidade, resulta que a violência simbólica torna-se invisível e insensível a própria vítima, de modo que ao internalizar a opressão, tendo-a como natural, a vítima não consegue pôr fim às relações de dominação masculina.

Nesse viés, de acordo com Bourdieu, para a superação da violência simbólica e, conseqüentemente, de toda a carga da violência contra a mulher a que dá fundamento, é necessário um despertar, um chamamento à ordem, com o propósito de fazer desmascarar essa opressão por meio de atos de conhecimento que proporcionem uma “transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes” (BOURDIEU, 2002, p. 53).

Nessa perspectiva, este estudo discute à temática da violência contra a mulher, por meio de uma intersecção entre literatura e direito. Tendo como concepção, de acordo com Cândido (2011), que a literatura tem uma função social, psicológica e formativa. E dessa forma a literatura pode se constituir em um “instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou da negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual”. Essa libertação promovida pela literatura permite refletir sobre a situação de violação dos direitos e eleva as chances de a vítima buscar a intervenção do Estado.

Consideramos que a literatura pode levar ao direito. A obra literária, ao representar o mundo e todas as suas atrocidades, promove um despertar acerca da violação dos direitos, e é capaz de levar a vítima a uma postura mais ativa. Dessa forma, acreditamos que a intersecção entre literatura e direito é um dos meios possíveis para a superação do poder hipnótico da violência simbólica, isto porque pode instigar reflexões sobre os instrumentos simbólicos implícitos às relações sociais de que o pensamento patriarcal se vale para naturalizar a opressão sobre as mulheres.

Sendo assim, este trabalho busca, por meio da análise do conto “A Moça Tecelã” de Marina Colasanti, analisar as representações da violência contra a mulher, identificar elementos da violência simbólica e reconhecer qual impacto a leitura deste conto pode causar nos leitores, de um modo geral. Colasanti é uma das vozes femininas mais significativas da literatura brasileira. Está no seletivo grupo de escritoras que se destacam, porque possuem um estilo peculiar e inconfundível. Traduz, em sua obra, de maneira bem particular o papel da mulher. A autora repercute, principalmente no conto selecionado, convicções críticas relacionadas aos valores sociais, visando sempre promover reflexões sobre os comportamentos tradicionais. Seus textos literários desnudam as nuances da violência emocional sofridas pelas personagens femininas.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa e de natureza aplicada. Constitui-se em uma pesquisa bibliográfica, na qual procura-se discutir como a literatura representa a realidade por meio da ficção, reconhecer de que forma a violência de gênero pode ser expressada através de uma ordem simbólica, e, por fim, identificar essas relações representadas no conto “A Moça Tecelã” de Marina Colasanti, que faz parte da obra “Um espinho de Marfim e Outras Histórias”, livro de 1999.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Marina Colasanti retrata uma mulher diferente das consideradas tradicionais, em seu conto “A Moça Tecelã”, uma vez que o leitor está habituado às histórias em que a personagem feminina é sempre vista como submissa, inferior, entre outras características que a rebaixam

em relação ao homem, cria-se um contraste entre estes dois contextos, que causa impacto nos leitores.

Neste conto, a autora descreve uma mulher determinada, autossuficiente, autônoma e livre, que vive em busca da felicidade, realiza as atividades cotidianas à sua maneira, não existe outro ser que controle sua vida a não ser ela. Porém, depois de um certo dia, desperta-lhe a vontade de ter alguém com quem possa compartilhar suas conquistas, e como tudo na sua vida, ela corre atrás, momento em que entra em cena a figura masculina no conto.

A partir da chegada do homem, a história caminha de uma maneira completamente diferente, todas as habilidades marcantes da mulher permanecem, porém agora elas são utilizadas apenas para o benefício de seu companheiro. Muitos elementos utilizados pela autora no decorrer do conto permitem o reconhecimento desta situação, como no trecho: “o marido escolheu para ela e seu tear o mais alto quarto da mais alta torre. – É para que ninguém saiba do tapete – ele disse (COLASANTI, 1999, p. 12).”

Ao se curvar diante das vontades de seu marido, ela se perdeu de si mesma, o que ocasionou uma confusão de personalidades. E fez com que a personagem passasse por um conflito interno, e, consecutivamente, um choque de valores, crenças, desejos e características.

Mesmo após todos estes ocorridos, com o tempo a mulher conseguiu se reencontrar e reestabelecer sua verdadeira identidade. E no processo de reconhecimento, do mundo ao redor e de si mesma, ela percebe como sua vida era bem mais promissora quando a única pessoa a quem ela devia agradecer era a si.

A partir disso, ela retoma o controle, e na tentativa de eliminar tudo o que lhe faz mal, metaforicamente, ela “destece” o homem de sua vida. Um diferencial neste processo é que não ocorre de uma hora para a outra, mas sim de uma maneira lenta e cuidadosa.

Desde a chegada do homem foram registradas atitudes muito violentas, que são evidenciadas pela autora, principalmente, pelo repetitivo uso do tom imperativo ao descrever as aparições masculinas, o que sugere ao leitor falas muito grosseiras e coercitivas. Este comportamento fez com que a mulher construísse diversos bens materiais para o marido, estes que, em sua maioria, não a traziam muitos benefícios, e, muito menos, realização pessoal.

É fortemente destacado por Colasanti que o homem despertava sentimentos de medo e aflição na personagem, principalmente na descrição da forma como ela “desteceu” o mesmo. Ela, que já se encontrava aprisionada no alto de uma torre, ao decidir livrar-se do homem, agiu de maneira sorrateira, enquanto o marido dormia, tirou os calçados com temor de acordá-lo e de alguma forma sofrer as represálias por buscar a separação. Embora amedrontada, sua ação de liberdade não foi a mais direta. Ela sentou-se ao tear, mas não buscou destecer a figura masculina imediatamente, ao contrário, apesar da aflição, a moça começou a desfazer os cavalos, as carruagens, a estrebaria, os jardins, tudo que era ligado ao palácio e aos demais bens que o marido fez com que ela tecesse.

Normalmente quem tem medo quer se livrar rapidamente daquilo que lhe traz temor, mas a moça não, só depois ela desfez o tecido do marido, fazendo-o desaparecer. Para a personagem, o mais importante, antes de efetivamente se libertar da possessão do marido, era se livrar de todo o mundo que ele lhe obrigou a construir.

Assim, o conto representa que o processo de libertação de uma relação abusiva não se encerra com a separação física, mas se completa com a superação de toda a ordem simbólica que legitima a violência.

Em suma, na tentativa de afastar esse indivíduo de sua vida, a personagem utiliza de uma tática não tão radical, porém, muito singela e eficaz. Ela descontrói todos os patrimônios, um a um, e, juntamente com estes bens, todos os sentimentos que a eles eram ligados, foram embora também. A maneira a qual a mulher percebeu e retirou o que a fazia mal revela como todas podem agir mediante situações que as façam se sentirem ameaçadas.

Colasanti expressa a ideia de que para realmente solucionar situações que exprimem desigualdade, violência e injustiça é necessário desconstituir cada elemento que foi necessário para a formação dos mesmos, e somente assim torna-se possível alcançar uma completa e real superação.

De acordo com Beauvoir (1970), a transcendência da mulher só será completa quando as mulheres participarem da construção do mundo, pois o atual sistema é androcêntrico e foi construído pelos homens e para os homens. Em “A Moça Tecelã”, pode-se identificar a alusão que é feita a realidade da mulher contemporânea, de modo que para existir uma superação coletiva, é necessário desconstruir toda a realidade que os homens criaram para as mulheres durante tanto tempo.

No decorrer da narrativa, a autora deixou explícita as marcações de tempo e espaço, que ao desenrolar da análise, se tornaram bem visíveis também. O conto caminha de uma maneira linear, se dividindo em três partes; a primeira em que a mulher se encontra em um estado de liberdade. A segunda, com a aparição do homem, em que se cria relações conflituosas entre as personagens. E a última, que descreve o momento em que a mulher finalmente se desprende e retoma alguns dos princípios de independência.

Estes princípios de independência remetem a elementos presentes na literatura infantil, mais especificamente, os contos de fadas. A forma, como que por mágica, que a autora descreve as ações femininas, a coloca em posição de poder, dá a personagem autonomia de fazer tudo o que deseja, do jeito que melhor considerar. Dessa forma, por meio de tais atitudes, Colasanti representa o empoderamento feminino.

A narrativa apresenta um grande contraste às diversas histórias que expressam a necessidade da personagem feminina em possuir uma figura masculina, para que possa ser emocionalmente, fisicamente e, principalmente, socialmente estável, pode-se depreender da história que a mulher pode dar a volta por cima e se reerguer de uma forma exemplar, sem resquícios de posteriores impactos psicológicos, inspirando suas leitoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de considerações finais, destaca-se a importância da intersecção entre literatura e direito. A literatura descreve inúmeras verdades fantasiosas (LLOSA, 2004), e, muitas vezes, expressa realidades consideradas inalcançáveis para nós, leitores, isso faz com que possamos reconhecer possibilidades jamais pensadas, desperta em cada um o desejo de transformar cenários e nos libertar de situações desagradáveis, isto é, “a literatura humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CÂNDIDO, 2011). A literatura atua efetivamente como um instrumento de percepção da violência, principalmente dentro da temática gênero, este mecanismo expressa que é possível se libertar de relações abusivas e também, ilustra de que forma se pode alcançar a redenção. Esta humanização promovida pelo contato do leitor com a obra literária desmascara situações de violação de direitos, o que pode levar a vítima a buscar a proteção estatal.

Como consecução da pesquisa, pretendemos estabelecer campos de diálogo, no âmbito escolar, com o intuito de analisar obras que representem a situação da mulher contemporânea, a trajetória por ela percorrida ao passar dos tempos e as relações de empoderamento feminino,

reconhecendo o seu papel humanizador e formativo. Também é importante criarmos grupos de leitura e reflexão, visando disseminar a importância da literatura, e por meio disso, despertar nos participantes um senso crítico e transformador, para assim, iniciarmos um processo de mudança acerca das percepções da violência de gênero pelos estudantes.

Palavras-chave: Violência de gênero; Violência simbólica; Representação literária.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo I: fatos e mitos**. 4. ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2002.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e cultura. São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

_____, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COLASANTI, Marina. **Um espinho de marfim e outras histórias**. Porto Alegre, L & PM, 1999.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. **Portal do CNJ: Formas de Violência contra a mulher**. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas-2-2/violencia-contr-a-mulher/formas-de-violencia-contr-a-mulher/>>. Acesso em: 03 de set. de 2019.

LLOSA, Mario Vargas. **A verdade das mentiras**. São Paulo: Arx, 2004.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015**. Homicídios de Mulheres no Brasil. Brasília, 2015. <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_mulher.pdf>. Acesso: 24 abr. 2017.